

**De Plutarco a Lacan:**  
**uma discussão entre as modalidades de fala e a Psicanálise**

Laerte Alves de Paula, Manoel Tosta Berlinck

**RESUMO**

Este artigo parte de uma ocorrência enigmática vivida em contexto clínico para elencar algumas perspectivas sobre as funções da fala no sujeito humano. Percorrendo apontamentos que remontam desde Plutarco, passando pelas implicações que a teoria freudiana trouxe para a reflexão sobre a linguagem e as teorizações de Lacan sobre a fala, vislumbraremos este recurso humano em sua faceta múltipla: como instrumento de demanda, rivalização e defesa junto ao Outro.

A leitura que Freud faz da chamada experiência de satisfação, momento paradigmático cuja marca deixada traz consequências decisivas para a constituição psíquica, é tomada como ponto de partida para uma reflexão sobre como o uso da fala acompanha as diferentes etapas de subjetivação da experiência com o objeto perdido: entre sê-lo, tê-lo, perdê-lo, buscar reencontrá-lo, a fala diz tanto da relação de desejo com esta busca quanto dos temores suscitados pelo desamparo da queda que a funda.

Palavras-chave: fala, Outro, psicanálise

***Introdução***

Diante de uma paciente que jamais se dirigia ao analista e que, por muitos meses trouxe um discurso sem interrupções ou questões, que procurava apagar as intervenções que o analista buscava fazer, ou neutralizar seus convites, o problema desta pesquisa

voltou-se para a tentativa de compreender as diferentes modalidades de fala existentes e as possíveis funções primordiais que cumprem no psiquismo.

A construção de um raciocínio para tal pesquisa partiu de uma indagação inicial sobre os impedimentos para a capacidade de escuta, para logo se dialetizar e dispor-se a investigar a própria possibilidade de construção de escuta.

Partir de um impasse clínico e fazer dele a causa de uma pesquisa que ofereça a produção de um discurso singular sobre o sofrimento psíquico do humano é a premissa assumida pela Psicopatologia Fundamental. Tal metodologia convida a tomar aquilo que é escutado – em toda sua obscuridade – a respeito de uma manifestação de *pathos*, para que possa ganhar palavra adequada e transformar uma vivência enigmática em experiência pensável. Desta forma, o presente trabalho se coaduna com o método clínico, ao buscar na inquietação produzida durante um atendimento o desejo para sua pesquisa, privilegiando o resgate da dimensão subjetiva e singular de *pathos*.

Diante disso, quais leituras são possíveis para se pensar a natureza da fala? A partir da teorização sobre a experiência de satisfação, paradigma sobre o qual Freud abordou o advento da linguagem no *infans*, propõe-se colocar em relevo a ideia de operação da palavra como uma forma de dirigir uma mensagem ao Outro – lugar da cultura, da Lei, e base de todo endereçamento – ao mesmo tempo em que permite tomá-la como recurso que tenta dar conta da espera de reencontro com o objeto perdido.

Que uma fala sirva para negar o Outro, para agredi-lo, chamá-lo, para obter seu compadecimento, para tamponar ou denunciar seu furo, tal brecha nos convida a entender as condições nas quais a fala se institui na criança e, a partir daí, extrair suas consequências.

Preocupamo-nos em investigar as possibilidades de leitura para o estatuto da fala no sujeito em sua relação com o mundo externo e com o Outro, e assim pensar nos modos de sua significação, em sua forma e conteúdo. Pesquisamos algumas modalidades possíveis de leitura que permitirão uma abertura de diálogos a fim de pensar não somente o lugar da linguagem no sujeito, de forma ampla, como de oferecer apontamentos para refletir sobre seu lugar no tratamento clínico e na transferência.

### *O Caso Clínico*

A paciente chega ao consultório quando conta com vinte anos. Apresenta-se de forma retraída, procurando apagar algumas expressões suas: cobre o rosto com longos cabelos, sua voz é extremamente baixa, seus ombros curvam-se sobre o peito. A queixa trazida apontava para uma falta de vitalidade em suas relações sociais e uma inibição que a impedia de se aproximar e consumir encontros amorosos com os garotos. De família conservadora e religiosa, trabalhava como secretária de um médico, havia terminado seus estudos do ensino médio e não sabia o que desejar para seu futuro.

Quando começa a vir às sessões, nunca havia beijado alguém. Porém, poucas semanas após o início das primeiras entrevistas, menciona que iniciou um namoro com um garoto que trabalhava próximo ao seu emprego. Tal relação dura poucos meses e é intercalada por diversos episódios de término e reconciliações, frequentemente marcadas por ciúmes entre ambos e por questões recorrentes da parte dela sobre se amava ou não este rapaz. Após um desses rompimentos, conhece um segundo garoto e iniciam novo namoro que cedo enveredou pelo mesmo destino do anterior. Neste caso, contudo, a relação se sustentou pelo decorrer do restante do tratamento.

O surpreendente enigmático se apresenta em um impasse de ordem transferencial: a imensa maioria das intervenções do clínico, feitas ao longo de vários meses, pareceram não produzir efeito algum sobre o discurso da paciente: ora eram ignoradas – e o relato inicial reocupava todo o espaço, inalterado – ora eram destituídas de possibilidade de influência sobre a cadeia associativa. Alguns tipos de intervenção foram experimentados, com pouco sucesso: pontuações intermitentes, silêncio absoluto, interrupções em seu relato, confrontações diretas. Ainda assim, a presença e as palavras do analista eram contornadas de modo a não terem reconhecimento no discurso associativo.

A paciente seguiu vindo regularmente às sessões e realizava o pagamento de forma assídua. Compareceu às sessões durante pouco mais dois anos. Nos últimos meses do tratamento, parte desta dinâmica se arrefeceu e ela conseguiu ocupar posição

ligeiramente diversa da inicial. De um lugar rígido e sem implicação, onde os sentidos pensados para seu sofrimento estavam situados nas falhas do outro, ao longo do processo a paciente pode formular o reconhecimento de que contribui – ainda que de uma forma obscura – para reforçar o próprio impasse de que se queixa: pode criar armadilhas para o outro (principalmente seus namorados, mas por que não seu analista também?) para depois lamentar relações desvitalizadas.

Diversos ângulos podem servir de convites à reflexão. Optamos por marcar este ponto, que implica a relação entre a fala e a figura do Outro, em torno do qual podemos investigar premissas essenciais para instrumentalizar e refinar a escuta do analista, suscitando uma elaboração sobre as funções da linguagem.

### ***Por onde nasce a palavra***

*Nascer é, depois de ter tido todas as coisas, repentinamente carecer de todas as coisas, e em primeiro lugar do ser – já que a criança não existe nem como corpo constituído, nem como mundo.*

Blanchot, 2007, p. 226

Para iniciar tal investigação, adentraremos o estudo sobre as condições de surgimento da linguagem. Abordamos a questão a partir do estado de neotenia<sup>1</sup> em que o bebê chega ao mundo, passando pela experiência de satisfação, conceituada por Freud, introduzindo, assim, a questão da demanda.

“O pensamento, afinal, não passa do substituto de um desejo alucinatório” (Freud, 1996b, p. 595-596). Com esta frase, Freud marca de forma original e decisiva uma posição que destitui a primazia do cogito cartesiano e coloca o pensamento e a linguagem como subordinados a uma circunstância dramática e essencial: o psiquismo – e, a partir dele, a palavra – vem cumprir uma função de organizar e dar forma a um lugar vazio, a saber, o espaço entre o bebê e o corpo perdido da mãe. O que era um

---

<sup>1</sup>Segundo o livro *Etimologia de termos psicanalíticos*, diz-se de um bebê que “nasceu prematuramente, no sentido de que apresenta, em relação a qualquer espécie do reino animal, uma prolongada deficiência de maturação neurológica e motora, que o deixa num estado de absoluta dependência e desamparo” (Zimerman, 2011, p.186).

único corpo, em meio a um funcionamento alucinatório, inevitavelmente cairá desta condição e dará lugar a dois corpos separados.

Neste ponto, introduzimos o lugar que Freud atribuía à apreensão da linguagem em relação ao tempo de desenvolvimento do recém-nascido:

A inervação da fala é, a princípio, uma via de descarga [...] é uma parte da via que conduz à mudança interna, que representa a única descarga enquanto não se redescobre<sup>2</sup> a ação específica<sup>3</sup>. Essa via adquire uma função secundária ao atrair a atenção da pessoa que auxilia (geralmente o próprio objeto de desejo) para o estado de anseio e aflição da criança; e, desde então, passa a servir ao propósito da comunicação, ficando assim incluída na ação específica. (1996a, p. 421, [grifos do autor])

Desde então, a palavra se torna resposta a uma verdadeira vertigem identificada a partir da perda de um pedaço do corpo que se supunha ter: o seio, até então fusionado ao ser da criança, torna-se percebido como fragmento descolado de si, sujeito a errâncias e intermitências. Tal abertura viria a produzir um impacto que inaugura as condições para o surgimento da palavra: a linguagem virá habitar este espaço de luto, de espera e de reivindicação. A palavra – e seus recursos poéticos – poderá tornar-se o instrumento, parcial, mas infinito, para dois movimentos da subjetivação: (1) tentar reencontrar o objeto e; (2) tentar nomear algo da perda que sobrevém deste processo.

Assim, podemos fazer uso de alguns autores que ajudarão a pensar estas implicações. Em última instância, esta incursão nos interessa porque ajuda a iluminar o quanto a linguagem está submetida ao paradigma proposto a seguir: a fala diz dos modos possíveis de relação com o Outro e, portanto, é determinada pela maneira como essa instância pôde ser descoberta, introjetada e subjetivada.

---

<sup>2</sup>Notemos a escolha da palavra: *redescobrir* a ação específica. Trata-se de, através da fala, reencontrar a ação que possibilite a descarga e a vivência satisfação originalmente experimentada.

<sup>3</sup>Nas palavras de Freud: “o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação (1996a, p. 370)

Diversas são as possibilidades de abordagem: advento da fala, qualidades da fala, dinâmica entre fala e escuta, o processo de aquisição da linguagem, etc. Empreenderemos aqui o esforço de tematizar e investigar algumas delas.

### ***A Tagarelice***

*É preciso habituar-se a fazer uma parada, a criar um intervalo entre a pergunta e a resposta  
[...] a fim de não arremessar na questão e assim enterrá-la*

Plutarco, 2008, p. 38-39

Ancoraremos nosso primeiro ponto de apoio em um texto com quase dois mil anos de existência. Sob forma de obra moral, centrada nos problemas do que chamará de logorreia, Plutarco (45-120), filósofo grego do primeiro século da Era Cristã, redigiu seu famoso trabalho *Sobre a Tagarelice*. O autor está empenhado aqui em pensar em uma terapia que tratasse este jorro desmedido de palavras. Logorreia (no grego: *λογορροια*) é derivada de *lógosrhoia*, junção do prefixo *logos* (*discurso, forma, palavra*) e do sufixo *rhoía* (*fluxo contínuo*).

De forma arguta, Plutarco irá referir-se a este tipo de tagarelice como uma “surdez voluntária” (2008, p. 13), o que já nos permite encontrar uma articulação digna de nota: a relação entre fala e escuta. Aquele que se atira de forma incontinente à fala demonstra uma dificuldade ou impossibilidade de ocupar a posição de escuta.

Plutarco julgava a tagarelice uma enfermidade, e pensava na filosofia e na escuta como forma de terapia para a cura desse mal. Dirá que “é delicado e difícil para a filosofia empreender a cura da tagarelice. Pois seu remédio, a palavra, é feito para aqueles que ouvem, e os tagarelas não ouvem ninguém, já que estão sempre falando” (p. 13).

Diante daquele que não se dispõe a escutar, insistir resultaria inútil. “Eu não poderia encher o que nada recebe, vertendo palavras sábias...” (p. 13), diz o filósofo. O que Plutarco reconhece aí é justamente o desafio de uma recusa, uma resistência do falante a suspender seu fluxo verbal. Entendemos que esta suspensão teria o caráter de uma capacidade de espera, recurso de difícil acesso ao tagarela.

Dirá o autor que, dependendo do contexto, “a linguagem, o mais agradável e o mais humano dos símbolos, torna-se, por aqueles que a empregam mal e negligentemente, inumana e insociável” (p. 17). Aqui, encontramos outra pista levantada: a noção de que a linguagem, *o mais humano dos símbolos*, pode ter um emprego sociável e um insociável. Em Plutarco, parte do que regula este emprego é justamente a parcimônia, a razoabilidade, a prudência – termo caro aos gregos – da palavra. Parece apontar justamente para a dimensão imaginária da palavra, esta tendo um determinado peso, possuidora de uma certa concretude. Uma fala incontinente ou que não dê espaço para a interlocução viria sobrecarregar ou soar violenta ao ouvinte, que possivelmente se desinteressaria de fazer laço com o tagarela.

Apesar do foco moral do autor, podemos localizar aqui o reconhecimento de uma fecunda problematização: a boa dosagem da fala, a linguagem como símbolo humano, a natureza de laço social da palavra e a dificuldade do tagarela em escutar, o outro ou ele mesmo. Plutarco faz notar que o tagarela funcionaria como um tipo refratário. “É preciso habituar essa gente a escrever e a dialogar consigo mesma” (p. 43). O que estaria fazendo senão propondo, dezenas de séculos antes da formalização da psicanálise, que um dos destinos do falante é poder se incluir como interlocutor de si mesmo?

Tais colocações fazem pensar no tipo de ética que o autor articula: para que um tenha voz, é preciso que haja um outro em posição de escutá-la. E o que tornaria uma voz ‘escutável’<sup>4</sup>? O que tornaria uma voz impactante? Pensamos em um critério econômico: falar demais banaliza a presença e o impacto da voz. O excesso da presença da palavra é o que justamente reduz sua marca, posto que impossibilita que se crie presença a partir da ausência – condição para o acesso ao registro simbólico. Diríamos que, para usar a fala como símbolo sociável, seria preciso também saber abster-se dela. Plutarco aponta justamente para o papel central do exercício de renúncia à palavra. Por

---

<sup>4</sup>Optamos por escutável para diferenciá-la de audível, assinalando assim uma discriminação entre escutar e ouvir. Haveria distinção entre ambas: ouvir, como a capacidade orgânica, física, de captar o som em seu estado bruto, como ruído disforme. A escuta corresponderia à capacidade ativa de se apropriar do ruído e imprimir-lhe uma forma. A escuta faria parte de um gesto de observação. A mesma discriminação se aplica aos termos *ver* e *observar*.

último, para poder falar, seria preciso aprender a falar sozinho, ou seja, a se incluir como interlocutor de si mesmo, suportando ouvir o outro, o estranho que há em si.

Em *Vie Secrète*, o escritor Quignard (1998) dialoga com esta mesma ideia:

O silêncio permite escutar e não ocupar o espaço que deixa desnudo a alma do outro. [...] Calando-se, nem um nem o outro se escondem por trás de seus pensamentos, nem colocam o pé no continente do outro país. No silêncio, tornando-se um estrangeiro dentro de um estrangeiro, eles se tornam íntimos. Este é o estado de uma estranheza íntima. No abraço verdadeiro, descobre-se que o corpo fala uma língua estrangeira extraordinariamente muda. Enquanto se fala, não se compreende. Mas se escutamos, apreendemos o outro (p. 86)

Desta forma, escutar seria imprimir um corte, dando forma à matéria. Seria admitir uma perda do todo para se apropriar de um objeto parcial. Corresponderia, assim, a recortar a realidade, a descolar-se do seio e a suportar a tensão antes de uma próxima investida. De todo modo, fica caracterizado que a escuta é um estado de espera, a espera de uma forma, aspecto que será bem tematizado a seguir. Para nossos propósitos, cabe dizer que consideramos esta escuta como o meio do qual o tratamento analítico se serve para a produção de uma experiência, assumida através de um percurso tal em que o sujeito seja capaz de também escutar o que diz – e movimentar-se a partir deste ponto – sendo também um outro para si mesmo. Escutar-se é ter a capacidade de reconhecer esta tal estranheza, de modo que, para reivindicar algo ao outro através da linguagem, o sujeito precisaria poder comportar em si um espaço de vazio, de silêncio e reserva, um campo apto à abstinência. Que implique o sujeito como escutante de seus próprios enigmas e que contemple a presença obscura e contraditória de si mesmo.

### *A fala como esforço de negação da perda*

Encontramos em um trabalho de Abraham, contemporâneo de Freud e um de seus colaboradores mais próximos, uma tentativa de leitura de um fenômeno que agora se mostra oportuno: quando a associação de um paciente trabalha sob o regime do processo primário.

Abraham buscou compilar em *A particular form of neurotic resistance against the psycho-analytic method* (1927) parte de seu aprendizado clínico no que diz respeito à ideia de resistência dentro do tratamento analítico. A leitura deste trabalho nos permite inferir que o autor está dedicado a pensar na resistência que se apresenta sob a forma de uma postura aparentemente colaborativa do paciente: aqueles que falam muito, associam bastante, mas deixam pouco ou nenhum espaço para a participação do clínico. Diz ele que “os pacientes dos quais estamos falando [...] têm a tendência de falar de forma contínua e ininterrupta, e alguns deles se recusam a serem interrompidos por qualquer notação por parte do médico” (p. 304). Continua: “sua comunicação é superabundante em termos de quantidade”, mas “apenas dizem coisas que são egosintônicas” (p. 305). Em seu primeiro esforço de análise destes fenômenos, Abraham já oferece uma notação valiosa, ao sublinhar tal comportamento como uma “tendência a submeter a análise sob o controle do princípio do prazer...” (p. 305).

Ao final do texto, conclui ele que, desta forma, “a análise é um ataque sobre o narcisismo do paciente” (p. 310). Retenhamos esta frase por alguns instantes: a análise é um *ataque*. Abraham diz *a análise*, não se refere a nenhuma em particular, mas a *qualquer análise*, visto que tal processo acessa uma força instintual que pode destruir quaisquer esforços terapêuticos. Neste contexto, o psiquismo se esforça por destituir de poder de influência aquilo que é vivido como ameaça, isto é, aquilo que pode transformá-lo.

Os apontamentos de Abraham favorecem uma abertura à escuta do caso clínico aqui registrado. Não é incomum que o analista seja colocado de saída neste lugar ameaçador, e seria fundamental que ele possa estar advertido da hostilidade que sua mera presença pode suscitar. Quanto ao sintoma dos casos que Abraham descreve, a questão desta qualidade de fala, a tagarelice por onde introduzimos este capítulo, se apresenta em diversos outros autores, que apontam para tal impasse. Se por um lado a fala e a associação-livre são o meio através do qual o trabalho deve ser realizado, por outro, elas podem se constituir justamente em defesas rígidas contra qualquer tipo de transformação psíquica, e a atribuição intensa ao analista de um lugar ameaçador.

Soler (2009) realiza uma interessante articulação sobre este discurso na clínica:

Acreditamos ter aprendido com Freud que a associação livre, o blábláblá, é a via de acesso única e obrigatória, mas esquecemos, e esse é outro argumento de peso, que o mesmo Freud percebeu que o “material” associativo podia ser um recurso do “não quero saber de nada”, a cortina de fumaça propícia para bloquear a dinâmica da análise. Por isso, chegou a aconselhar a eventualmente desconsiderá-lo [...] como tagarelice de defesa, por assim dizer (Soler, p. 117).

Este *não querer saber de nada* ao qual Soler se refere é justamente não saber do corte que desejamos iluminar: a da ligação natural com o primeiro Outro, o corpo materno acoplado ao ser do *infans*. Saber, aqui, é saber da perda que originou o psiquismo e que causou a origem da palavra. Há falas que evitam se confrontar com esta dimensão e o espaço analítico é local privilegiado onde este medo pode ser testemunhado e, nos melhores casos, subjetivado.

A fala pode, portanto, trabalhar em ambos os registros psíquicos, subordinada tanto ao princípio de prazer quanto ao princípio de realidade. Não estaríamos interessados aqui em delinear qualquer tipo de fronteira, mas apenas em apontar para a possibilidade de leitura que tal articulação nos permite: haverá uma fala mais dedicada a buscar recriar as condições de sua vivência de satisfação alucinatória, procurando dominar a realidade ou enaltecendo os processos de devaneio, em contraste a uma fala que assuma o reconhecimento de indicativos deste objeto perdido e impossível. Trata-se de um impasse eminentemente clínico: o veículo do tratamento, a linguagem, será meio essencial através do qual se manifestam as defesas narcísicas do sujeito. É na fala e nos gestos que o sujeito diz de suas dinâmicas psíquicas e do quanto ele suportou saber de sua perda fundamental. A fala reflete, portanto, as condições do aparelho psíquico que a engendra.

### ***A fala como experiência de perda e o tempo do entredizer***<sup>5</sup>

*Toda palavra perde sua coisa. Alguma coisa falta à linguagem. Também é preciso que o que lhe é excluído penetre a fala e que ela sofra com isto.*

---

<sup>5</sup>Expressão extraída de Maurice Blanchot no livro “A Conversa Infinita – Vol. I” (2010).

Quignard, 1993, p. 67

Assumir uma língua, segundo o caminho que temos construído, tem o caráter de uma perda de satisfação. Tem também o caráter de uma alienação. O sujeito aliena seu ser em um sistema linguístico que lhe precede e, para existir entre os homens, precisará aceitar este convite-imperativo que a civilização lhe impõe: *Ou a nossa língua, ou a loucura e o sem-sentido!* Não é diferente da assunção da imagem, que se ilustra com a teorização lacaniana do estágio do espelho: *ou a unidade alienante, ou a fragmentação radical!* Dito por outro ângulo, ao escolhermos – e estamos admitindo se tratar de uma escolha, ainda que inconsciente – tornarmo-nos falantes, tal gesto tem o caráter de um assentimento em alienarmo-nos para tentar, através da linguagem, encontrar objetos substitutos para a satisfação primeva, de *antes da língua*.

Quignard tece uma construção pungente para estas implicações:

De um lado, todo pensamento, originalmente, é mentiroso. De outro, toda palavra é falsa. [...] “Ersatz” é a palavra de Freud. Sonho e mentira são as palavras onde nossa língua brinca. Outrora dizíamos sublimar, sublime. O pensamento está dedicado à ficção porque está condenado a negar alguma coisa ausente. Os dois materiais onde o pensamento humano se constitui são a ausência, a distância com o real, a negação, a distância com a ausência (Quignard, 1993, p. 69-70).

Com Gori (1998), por sua vez, tomamos contato com esta dimensão de forma mais direcionada: “Essa alguma coisa que escapa é uma falta que poderia ser, em última análise, uma falta materna. A ausência da palavra presentifica a ausência da mãe” (p. 41). A conclusão seguinte se impõe: falar é uma forma de *chamar a mãe*.

Algo podemos dizer aqui em relação a este objeto primeiro. Em seu Seminário 7, Lacan (1959-1960) esclarecerá sobre a impossibilidade de encontro com o objeto, o que entendemos como indicador de como a linguagem acompanhará este impossível: “É claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado” (p. 68). Com isto, o sujeito pode até tentar alcançar *das Ding*, o objeto absoluto, através da linguagem, mas esta tarefa sempre resulta insuficiente, malograda. O que nos leva a crer que a linguagem, tal como assinalamos com Quignard na abertura deste capítulo, apesar de não ser capaz de

suturar esta falha em sua estrutura, é passível de assumir esta perda em si mesma, sendo capaz de dizer algo, um pedaço, desta experiência.

Ademais, tiraríamos bom proveito deste tema se articulássemos tal construção sobre a perda à dimensão do desejo, tal como concebida por Lacan. O desejo se manifestaria justamente numa fala embebida, penetrada, atravessada por esta noção de perda, em um espaço de hiância aberto por entre a demanda, que faz oposição ao empuxo de se restituir a satisfação mítica: “O desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica” (1957-1958, p. 96). Isto quer dizer que quando este objeto, que a fala deseja nomear, é descolado de sua dimensão puramente imaginária e totalizante, e aponta para seu caráter inapreensível e de dimensão não-toda visível, estamos no campo do desejo.

Outro autor bem-vindo a este capítulo é Blanchot (2010), dedicado a pensar na *palavra plural*, e que oferece algumas reflexões para nossa articulação. Quando diz que “falar, é sempre falar a partir deste intervalo entre a palavra e a violência radical, separando, mas agora numa relação de vicissitude, uma da outra” (p. 113), está dizendo da violência que caracteriza a tomada da palavra como alternativa ao destino hostil. A palavra tem o potencial para constatar esta solidão do sujeito em relação ao encontro com o objeto:

A palavra afirma o abismo existente entre ‘eu’ e ‘outrem’ e ela ultrapassa o intransponível, mas sem aboli-lo nem diminuí-lo. Além do mais, sem esta infinita distância, sem esta separação do abismo, não haveria palavra, de maneira que é correto dizer que toda verdadeira palavra lembra-se desta separação pela qual ela fala (Blanchot, p. 114).

Afirmção similar é feita por Longo (2011):

A linguagem é o termo entre o eu e o outro. Entre o sujeito que fala e seu ouvinte existe um anteparo, uma proteção, uma espécie de muralha que se ergue, mesmo quando há silêncio. Entre dois seres humanos existe sempre *a muralha da linguagem*” (Longo, p. 7, [grifo nosso]).

Ou seja, a mesma linguagem que possibilita ao sujeito *chamar sua mãe*, denunciar sua fome e suas dores, apresentar-se aos outros, incluir-se em grupos, experimentar formas de satisfação, em outras palavras, demandar amor e restituição narcísica –, ela também contempla que, em sua origem, o objeto que fomenta a vida e impulsiona os movimentos do sujeito, lhe é inacessível e indizível, incapaz de ser inscrito na linguagem: “Há aí um paradoxo da linguagem: embora ela possa se estender infinitamente, tem o limite de não poder dizer tudo” (Longo, p. 47). Pois Fingerhann (2005) afirma que a submissão a este sistema cumpre a chamada função paterna, de interdição e de aceitação desta lei sob a forma de assunção da linguagem:

Esta identificação primordial ao pai é, portanto, a incorporação de uma lei, a assimilação da lei de substituição de um representante à coisa perdida – *das Ding* – isto é, a incorporação do Simbólico como pacto e sistema de signos, substituindo a coisa perdida (p. 30).

Decorre desta ideia que o registro simbólico será o corolário deste paradigma: para aceder ao simbólico, há que se ter perdido a Coisa. Sua marca, prova desta perda, seria a linguagem e seus recursos poéticos, polissêmicos, mito-poético e poético.

De posse deste material, tomamos contato com uma interpretação que pode ser acolhida pela fala: de que ela é causada por uma procura da qual não somos agentes autônomos. Um plano do qual não temos notícia, a não ser por nossos tropeços de sentido. Habitamos um corpo que pulsa segundo uma lógica que não determinamos, mas na qual podemos exercer alguma influência. Há algo de universal aí – de cultural e histórico também – ainda que aberto à singularidade de cada sujeito.

### ***Modos junto ao Outro***

Podemos tentar avançar um pouco mais no diálogo com a problemática da fala. Dias (2013) reconhece que a voz é aquilo que é utilizado para fazer resistência ao poder: “A fala faz barreira à voz do Outro” (comunicação pessoal, junho de 2013). Trata-se de uma frase enigmática ou, pelo menos, que sublinha algo distinto das ideias que vimos desenvolvendo até aqui. A fala se origina a partir da tentativa de *ligação* com o Outro, é

o que poderíamos entender desde o desenvolvimento do raciocínio freudiano. Agora lemos que a fala faz *barreira* à voz do Outro. Seriam ideias de alguma maneira compatíveis, ao menos, ou somente antagônicas?

E se considerássemos uma abertura? Tentemos decompor os componentes da fala: faceta egoica, da ordem da síntese e da unidade e; faceta inconsciente, de ordem polimorfa e metonímica. A partir da leitura que fazemos de todos os interlocutores presentes neste trabalho, pensamos que a fala conjuga estes dois aspectos. Blanchot fala de “dois tipos de experiências da palavra, uma que é dialética, a outra que não o é: uma, palavra do universo, tendendo para a unidade e ajudando a realizar o todo; a outra, palavra de escrita, carregando uma relação de infinidade e de estranheza” (2010, p. 135)

Todavia, retomando nosso raciocínio, podemos ler a frase de Dias, como uma descrição de um embate imaginário: a voz teria destaque naquilo que se presta para fins egoicos, vindo disputar sua determinação junto ao Outro. Falar seria uma forma de manter o Outro sob controle. Desta forma, podemos pensar na fala tanto como resposta a um convite ao acultramento feito pelo Outro, como uma tentativa de domínio, de manipulação do Outro: *Enquanto falo, silencio o Outro. Enquanto falo, neutralizo o Outro. Neutralizo o poder que o Outro teria caso fosse incitado e autorizado a falar. Com minha fala, minimizo que o Outro traga novos elementos diante dos quais eu teria de me reposicionar. Na medida em que falo, mantenho o Outro em um lugar tal que não preciso sair do meu lugar.* São diversas as possibilidades de posição diante do Outro e das quais a fala pode vir a dar testemunho.

Dias dialetiza este lugar da fala tanto como demanda quanto como esperança: “A voz que insiste busca um ponto de ancoramento. Que alguém dê um corte em sua fala. É esta a espera de quem fala compulsivamente” (idem). Temos um novo ângulo aqui. Desta forma, e tentando articular as contribuições de Dias com as de Freud, podemos pensar que a fala compulsiva seja lida como um pedido (sempre inconsciente e mal formulado) pela *ação específica* da qual Freud fala em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1996a). A fala compulsiva estaria, então, à deriva, presa a uma espera da qual não pode se apropriar: uma fala que não pode se deixar saber que pede algo ao Outro. Tal fala teria um efeito que denominaremos de *efeito borracha*: procura apagar os vestígios da demanda que evita fazer ou que faz e deseja apagar.

Assim, permitimo-nos reconstruir a posição da paciente de nosso caso clínico: *Espero algo do Outro, mas não me atrevo a dizê-lo, pois seria por demais humilhante à minha frágil identidade, que tenta se manter autárquica. Ao silenciar o Outro com minha fala, denuncio que este Outro exerce grande influência sobre mim, a ponto de eu precisar calá-Lo. Diante do Outro, digo que está tudo bem, ou que tanto faz. Quero que o Outro me peça, jamais o contrário. Tal figura tão sedutora e tão poderosa, preciso rebaixá-la para tornar o reconhecimento de sua presença algo suportável.* Há pacientes que são capazes de falar por meses a fio apenas para não darem ao analista, Outro-hostil, o espaço e o poder de dizer algo.

Fédida, por sua vez, traz contribuições para pensarmos no papel que a fala pode desempenhar para o falante e, assim como Dias, trata de pensar no silêncio diante do Outro como tendo o estatuto de um impasse, um perigo, uma espera à qual o falante viria tentar escamotear, com fins de defesa psíquica.

Em seu trabalho *A adição da ausência – A atenção de ninguém* (1997), Fédida dedica-se a avaliar esta hipótese na qual o psiquismo se caracteriza por um funcionamento autocrático, avesso a qualquer perspectiva que configure uma influência vinda de um outro. Não somente isto, mas o texto também frisa que, diante do analista, o pacientealaria para evitar que o silêncio venha a denunciar o caráter de espera que o acompanha. Fédida inclui “a figura do psicanalista terapeuta representando ‘por excelência’ a ameaça mais forte de alteração a partir da espera que suscita” (p. 31, [grifo do autor]).

Fédida utiliza-se de um caso clínico que, apesar de sua singularidade, oferece material tão fértil para este trabalho que não nos furtaremos de nos servir de suas analogias, no intuito de realizar um diálogo com suas ideias.

Da perspectiva do analista, ao sustentar o espaço onde o paciente poderá elaborar suas associações, ao oferecer sua escuta, tal oferta adquire um caráter de sedução do qual fala Fédida: “a fala junto a alguém comporta um tipo de esperança desmedida da qual deve se proteger” (p. 33). Aqui fica patente este aspecto de hostilidade da fala, que procura proteger o psiquismo da ameaça da presença e do poder

de influência que o outro pode ter. Nas palavras do autor, “falar a alguém que lhe escuta faz deste o sedutor involuntário de uma espera” (p. 33).

Ao analisar uma de suas pacientes, Fédida faz uma pontuação que julgamos interessante, menos pelo efeito comparativo de dois casos clínicos que pelo insight oferecido. Diz de uma paciente que “falou, com efeito, com todos os meios de que dispõe a fala para recusar” (p. 33, [grifo do autor]). Quais as implicações ao considerarmos esta perspectiva? Entendemos que, desta forma, encontramos respaldo para pensar na fala como podendo comportar o movimento de recusa de que falam Abraham e Dias, por exemplo. A fala aqui é um objeto tosco, diríamos: um escudo ou uma palma que mantém cerrada a boca do Outro. A palavra, que Plutarco elegeu como o mais humano dos símbolos, aqui se reduz a um uso que só podemos chamar de rudimentar, na medida em que revela um estado de vulnerabilidade narcísica que reclama tal defesa primária.

O autor mostra-se interessado em investigar tanto a noção de toxicomania na transferência, como as implicações da concepção do autocratismo psíquico, ou seja, um psiquismo avesso a influências externas – daí a adicção da ausência: “é exatamente disto que se trata no autocratismo toxicômano que se opõe a qualquer ameaça de influência da presença de um outro, e mesmo de sua existência única ‘enquanto outro’” (p. 31).

Em diálogo com as ideias freudianas, Fédida empreende uma leitura mais sofisticada quando fala de um movimento de apego às fontes primeiras de satisfação. Assim comenta o fenômeno: “Não há dúvida de que a alucinação negativa<sup>6</sup>, aparentando-se ao fenômeno histérico [...] entre no primeiro modelo da experiência de satisfação e pertença, por isso, ao endopsíquico de uma percepção do objeto” (p. 32). Fédida afirma que esta situação seria reflexo de um “estado primitivo do aparelho psíquico” (p. 32).

Se o indivíduo permanece apegado a um funcionamento rudimentar do aparelho mental, é porque as satisfações que a realidade teria a lhe oferecer não entram em seu

---

<sup>6</sup>Diz-se do fenômeno que designa a ausência de percepção de um objeto presente no campo do sujeito. Freud tratou deste tema primordialmente no texto *Gradiva de Jensen* (1907).

campo perceptivo. Das duas, uma: ou a realidade pode ser-lhe profundamente perturbadora, forçando-o a negá-la; ou as *ofertas* de objetos disponíveis não cativam o sujeito o suficiente. Neste último caso, diríamos, a oferta não é contabilizada. Foi por este viés que, durante o atendimento do caso clínico relatado, o analista se indagou: *como chegar a entrar em um campo perceptivo aceitável pelo psiquismo da paciente?*

Retornamos ao texto de Fédida. O artigo caminha no sentido de valorizar dois pontos: a tendência autocrática do Eu, acentuada no funcionamento toxicômano, e a ideia de que a presença do outro pode ser entendida como de uma profunda e angustiante hostilidade, precisando, assim, ser esvaziada de qualquer poder de influência. “Falar com alguém, conceder a alguém a virtude de incitar a falar – a contar e a se expressar – é absolutamente vertiginoso” (p. 35). Em outro trabalho de sua autoria, *O Estrangeiro*, vemos esta hipótese sobre o autocratismo apresentada em toda sua abrangência:

A cura que o doente tenta obter de si e por si próprio é considerada por Freud como uma das características do ‘autocratismo’ (Selbstherrlichkeit ou Eigenmächtigkeit) do eu, incapaz de ceder a quem quer que seja – e, portanto à pessoa do médico – qualquer poder de ação para curar sua vida, poder que apenas a própria pessoa deteria (2006, p. 132, [grifos do autor]).

E, pouco depois, temos a continuação do mesmo raciocínio:

No trabalho analítico com tais casos é especialmente surpreendente [...] o considerável esforço dispendido para esvaziar a pessoa do analista de qualquer presença (sinônimo de contato e de influência) e a tentativa, através do lamento e do sintoma, de negar-lhe qualquer poder de ação benéfica (2006, p. 133).

Entretanto, não percamos algo de vista: se o psiquismo se constitui junto à figura do Outro, a instância que se propõe autocrática fica adstrita ao Eu, que se pretende *senhor de sua morada*, o que nos impõe que pensemos em duas hipóteses. Ou a experiência de satisfação foi vivida de forma bastante precária, legando ao sujeito traços muito pálidos do objeto fundante, ou então, ao contrário, a vivência de satisfação ocorreu de forma decisivamente intensa, de modo a magnetizar o sujeito, de tal maneira, na busca de reencontrar tal objeto, que ele operaria de forma reativa, defendendo-se de

um lugar de vulnerabilidade, na tentativa de dissimular seus interesses. A clínica oferece diversos testemunhos do quanto esta relação com as origens fundamentais, encontros com *pathos*, pode ser perturbadora e suscita poderosos mecanismos defensivos.

Convém observar neste ponto que, se por um lado a paciente descrita apresentou um funcionamento que se assimila às descrições dos autores que vimos utilizando, por outro lado reconhecemos que parte desta resistência cedeu em um dado momento, revelando, ao menos, a possibilidade de mobilidade psíquica e de uma nova posição viável junto ao outro.

Antes de concluir, cabe uma última menção a um autor para pensar no estatuto da fala como modo de espera, sobretudo no encontro analítico. Stein, psicanalista francês, diz que “a transferência é erótica à medida que a noção de erotismo implica a sedução pela fala. O roteiro transferencial é duplamente de sedução: a título da representação de um ato sexual e da expectativa de uma fala” (2011, p. 97, [grifo nosso]). Isto nos faz pensar em nosso caso clínico: enquanto fala, nega o que há de sexual na expectativa de outra fala, que não a sua. Ou caberia dizer: enquanto fala, neutraliza o que há de estranho-sexual no outro. O silêncio é sexy, diz a música<sup>7</sup>.

### ***Conclusão***

Colher esta sequência de elementos ajuda o clínico a não perder de vista a série de complexas operações de que depende a constituição da linguagem e suas determinações inconscientes. Mais do que isso, ajuda-o a levar tal dimensão dramática em conta à medida que procura refinar a escuta das coordenadas transferenciais das quais suas intervenções dependerão no decorrer da análise.

Para o caso clínico que suscitou tais questionamentos, o texto abre uma gama de articulações que permitem uma leitura mais aprofundada das implicações transferenciais e dos cuidados que o clínico deve tomar ao escutar a resistência que sua presença suscita no discurso do analisante.

---

<sup>7</sup>Silence is Sexy, nome de álbum e de música da banda alemã Einstürzende Neubaten.

Que o analista desconheça a ferida que marca o nascimento da palavra, significa que sua posição pode deixar de escutar precisamente o ponto fundamental que determina as possibilidades de um tratamento pela fala.

Com as camadas de entendimento que tal articulação favorece, prepara-se o terreno onde a transferência pode ser pensada em toda sua amplitude. Será a partir destas coordenadas, que dizem respeito à posição que um sujeito ocupa em relação ao discurso, que o analista poderá pensar na direção de um tratamento e nas possibilidades de manejo que o jogo transferencial lhe conferem.

## REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Karl. “A particular form of neurotic resistance against the psycho-analytic method”. In \_\_\_\_\_. *Selected papers of Karl Abraham* [1919], trans by D. Bryan & A. Strachey. London: Hogarth Press, 1927, p. 303-311. Recuperado em 25 de junho de 2013 de <http://archive.org/stream/selectedpapersof032367mbp#page/n7/mode/2up>

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita. A experiência limite* [1969]. São Paulo: Escuta, 2007.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita. A palavra plural* [1969]. São Paulo: Escuta, 2010.

FÉDIDA, Pierre. “O Interlocutor”. In \_\_\_\_\_. *O sítio do estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1996, p. 99-174.

FÉDIDA, Pierre. “A adicção da ausência. A atenção de ninguém”. *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*, São Paulo, n.10, v. 101, setembro, 1997, p. 29-39.

FINGERMANN, Dominique. O nome e o pior. In FINGERMANN, Dominique e DIAS, Mauro Mendes. (Orgs.) *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005, p.21-40.

FREUD, Sigmund. “Projeto para uma psicologia científica”. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) [1950 [1895]]. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. “A interpretação dos sonhos”. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5) [1900]. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GORI, Roland. *A prova pela fala. Sobre a causalidade em psicanálise*. São Paulo: Editora Escuta; Goiânia: Editora da UCG, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LONGO, Leila. *Linguagem e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

PLUTARCO. *Sobre a tagarelice e outros textos*. São Paulo: Landy Editora, 2008.

QUIGNARD, Pascal. *Le nom sur le bout de la langue*. Paris: Gallimard, 1993.

QUIGNARD, Pascal. *Vie secrète*. Paris: Gallimard, 1998.

SOLER, Colette. “Uma prática sem tagarelice”. In DIDIER-WEILL, Alain. e SAFOUAN, Moustapha. (Orgs.) *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p.112-121.

STEIN, Conrad. *L'enfant imaginaire* [1971]. Paris, Flammarion, 2011.

ZIMERMAN, David. *Etimologia de termos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed, 2012, p.86.